

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**UM ENFOQUE NOS ASPECTOS RELIGIOSOS DO CATOLICISMO NA OBRA
O FIO DA NAVALHA.¹
FOCUS ON THE RELIGIOUS ASPECTS OF CATHOLICISM IN THE
RAZOR'S EDGE**

João Paulo Massotti²

¹ O trabalho é resultado das discussões promovidas pelo professor Dr. Gérson Werlang durante a disciplina de Literatura, interdisciplinaridades e poéticas interartes do Doutorado em Letras da UFSM.

² Doutorando do PPGL da Universidade Federal de Santa Maria.

Resumo: Conforme formulado por Max Müller, no século XIX, a “ciência da religião” objetiva analisar elementos comuns das diversas religiões, a fim de entender sua origem e formato. Naturalmente, a literatura, ao registrar os conhecimentos e a cultura de um espaço ou época, participa dessa análise. À luz do estudo fenomenológico-histórico dos fatos religiosos apresentados por Mircea Eliade, são essas as duas premissas discutidas neste artigo, tendo como enfoque a influência da religião católica na vida das personagens criadas por Somerset Maugham, na obra *O fio da navalha*. Para tanto, o conceito de literatura e religião no campo do sagrado e do profano, e suas imbricações se fazem necessárias para perceber de que modo a obra literária apresenta essas características.

Palavra-chave: O fio da navalha. Religião. Catolicismo. Sagrado. Profano.

Introdução

Entendo que, antes de apontar para os elementos do sagrado na obra de Maugham, seja importante abordar, de forma breve, algumas relações entre literatura e religião, que servirão como embasamento para a análise pretendida. Inicialmente, utilizando-se de Antonio Candido, será discutida a importância da literatura na sociedade para então compreender de que forma e ela é capaz de retratar aspectos do sagrado e do profano em sua composição. Além disso, se faz necessário teorizar sobre questões envolvendo a situação do homem num mundo carregado de valores religiosos para então percebê-los e questioná-los na obra a ser analisada.

Antonio Candido, em *O direito a literatura* discorre sobre a literatura como ferramenta para um desmascaramento consciente da realidade, uma vez que é capaz de focalizar situações de negação de direitos, como a miséria, a servidão ou até mesmo a mutilação espiritual. Assim, possibilita que o leitor (re)organize sua visão de mundo, tal como acontece na obra de Maugham, quando o leitor se coloca em discussão diante de temas complexos como a busca de um sentido

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

para a vida, ou até mesmo as relações religiosas estabelecidas entre indivíduos, suas divindades, sua fé e seus pecados. Nesse sentido, explica Candido, a literatura, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas, tende a ser considerada empenhada[2], uma vez que o autor, utilizando-se de uma visão do real, manifesta criticidade em seu texto literário.

Isso permite que o indivíduo, rodeado pelas mais variadas crenças religiosas, impelido à aceitação quase axiomática das subjetividades cristãs, passe a questionar o discurso religioso, através dos personagens criados no universo ficcional. Nesse sentido, passa a crer-se na objetividade material das evidências, descritas na obra, em detrimento da subjetividade discursiva da palavra. Na obra, *O fio da navalha*, tanto o narrador quanto personagens como Larry e Suzanne, mesmo apresentando um comportamento agnóstico, são hesitosos quando discorrem acerca da religiosidade ou espiritualidade, expressando em seus discursos, questionamentos sobre o sentido da vida e a necessidade do perdão, por exemplo.

Candido aponta para, o direito à crença, à opinião, ao lazer e à literatura como bens incompressíveis, definidos por Joseph Lebet, como sendo aqueles ligados a necessidades profundas do ser humano. A eles Candido acrescenta “não apenas os que asseguram sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual” (CANDIDO,1995, p. 241). Ao fundamentar a ideia de que a literatura é um bem necessário ao homem, Candido irá defini-la de uma maneira bastante ampla, como sendo todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis, e uma sociedade em todos os tipos de cultura.

Desse modo, a literatura engloba desde o folclore, lenda, chiste, até as mais complexas produções escritas das grandes civilizações, fazendo com que nem um só povo ou homem possa viver sem ela, pois de algum modo haverá de entrar em contato, mesmo que indiretamente, com algum tipo de fabulação. Para Candido (1995), ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado, assegurado, independente da vontade humana, durante o sonho.

Do mesmo modo, a religiosidade, a crença ou a não-crença também fazem parte do universo do homem. Através do sagrado ou do profano, um objeto, um símbolo, o tempo e o espaço ganham significados distintos de uma pessoa/grupo para outro, de modo que a diferença, nesse caso, só pode ser considerada na experiência individual de cada um. Enquanto para uns, uma pedra, uma imagem, uma data e um local está relacionado ao universo do sagrado, para outros pouco ou nada representa. Porém, é importante lembrar que mesmo o “mais profano dos homens” é, muitas vezes influenciado, mesmo que de forma inconsciente, pela ordem do sagrado, como por exemplo, um feriado santo. Em outras palavras, enquanto um fenômeno religioso passa a estabelecer uma relação universal com os homens, a experiência religiosa passa a ser condicionada a determinados indivíduos.

Para a análise a ser realizada, é importante esclarecer que, embora a obra tematize a jornada de um homem em busca de respostas para o sentido da vida - o que colocará o personagem Larry, diante de diferentes perspectivas religiosas e espirituais - o presente artigo abordará apenas um

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

dos contextos do sagrado presentes na narrativa, o catolicismo. Para tanto, mesmo esse recorte se limitará a versar o tema em cinco aspectos presentes na narrativa que são, o sagrado, o interesse religioso, o arrependimento e a salvação, o profano, e o campo simbólico do sagrado no espaço e no objeto.

O sagrado e o profano: aspectos do catolicismo na obra

O fio da navalha, livro escrito em 1944, retrata a história de Larry, jovem burguês, que após a participação voluntária na I Guerra Mundial, retorna completamente modificado pela experiência que teve durante aquele período. Antes, um jovem descrito como “perfeitamente normal” por sua namorada Isabel, agora se vê confrontado acerca da existência de Deus e o mistério da morte. Larry decide partir em uma jornada pela Europa, a fim de encontrar respostas para as dúvidas que o trauma da guerra lhe impôs. Ao perder o amigo Patsy em combate, Larry passa a questionar o ser divino que, para a religião católica é *Deus*, e o destino final da existência “Quero ter certeza da existência ou da não-existência de Deus. Quero conhecer a origem do mal. Quero saber se tenho uma alma imortal, ou se a morte, põe fim a tudo” (MAUGHAM, 1987, p. 100). É importante destacar que, neste momento da narrativa, antes do contato com as demais religiões e crenças, Larry é considerado católico, resultado da influência exercida por Dr. Bob Nelson, colega de seu pai, que após a morte desse torna-se tutor de Larry. Mais tarde será possível perceber que a relação do personagem Bob Nelson com a religião católica, é construída a partir de interesses meramente mercantilistas.

Para buscar as respostas as suas inquietações, Larry rompe o noivado com Isabel e parte em peregrinação espiritual pelo norte da França, Bélgica, Alemanha e Índia. Espaços que levam o leitor a profundas reflexões filosófica-existenciais. No, entanto, não é apenas Larry, personagem principal da obra que transita por espaços do sagrado. Outros personagens também percorrem diferentes espaços na narrativa e, é a eles que a análise se debruçará com maior ênfase, uma vez que é entre eles que o catolicismo se mostra mais evidente.

Uma aproximação possível de ser pensada tanto na literatura, quanto na religião é o caráter de transcendência. A obra literária, ao mimetizar a realidade, e a religiosidade, ao instigar um contato do homem com o mistério, possibilitam-lhe um ir além da materialidade do espaço e do tempo em que se encontram. Para Mircea Eliade (2010), o ato da manifestação do sagrado é proposto no termo *hierofania*, que pode ser entendido como “a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore” (ELIADE, 2010, p. 17). Para o cristão católico, por exemplo, o termo pode ser levado à ordem suprema, no sentido de encarnação de Deus em Jesus Cristo, ou do sagrado no humano. Além disso, de acordo com o autor, para “aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica” (ELIADE, 2010, p. 18).

Na narrativa de Maugham, a religiosidade se apresenta, inicialmente, na figura de Elliott Templeton, uma espécie de burguês parisiense, na casa dos 60 anos, incrivelmente, esnobe, cujo

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

círculo de relações se dá de acordo com o prestígio e influência entre as famílias da França e da Inglaterra. Elliott é visto como um religioso praticante, “Elliott era fervoroso católico. Algum tempo depois de estar vivendo em Paris, ficou conhecendo um padre célebre pelo seu sucesso em atrair ao rebanho hereges e infiéis.” (MAUGHMAN, 1987, p. 22). Ele se utiliza do “espaço sagrado” para cultivar sua crença, “Assistia à missa todos os domingos, na igreja frequentada pelo pessoal mais fino, confessava-se regularmente e fazia periódicas visitas a Roma. [...] Com o tempo essa piedade foi recompensada [...] a honra de pertencer à Ordem do Santo Sepulcro (MAUGHMAN, 1987, p. 22). Para Eliade,

[...] o espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; [...] toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo [estabelecida no que ele chamará de] “Centro do Mundo”. Para viver no Mundo é preciso fundá-lo - e nenhum mundo pode nascer no “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. (ELIADE, 2010, p. 26)

Para Elliott, esse espaço, “o centro do mundo”, é o da igreja católica, que frequenta todos os domingos, a fim de, não apenas buscar uma aproximação com Deus, conforme Eliade (2010) propõe “[...] no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu.” (ELIADE, 2010, p. 29), mas também para se fazer ver por outros membros da elite francesa. Assim, Elliott utiliza-se do círculo de relações, também no espaço do sagrado, para evidenciar o seu lugar no campo aristocrata francês. A escolha do padre com quem irá se relacionar, a presença frequente em Roma e, mais tarde, a construção e manutenção de uma igreja dedicada a São Martinho, reiteraram esse valor quase “mercantilista” das relações estabelecidas por Elliott no campo do sagrado.

É interessante observar que Elliott, embora solidário com os jovens artistas americanos que chegavam a Paris, procura manter seu círculo de relações a níveis elevados, não misturando as duas realidades em que convive. Isso se estende a relações entre ele e os membros da igreja. É inevitável perceber sua simpatia aos padres acostumados a tratar de assuntos religiosos com ricos e aristocratas,

O padre gostava muito de jantar fora e era conhecido pela sua vivacidade. Reservava seu consolo espiritual para os ricos e aristocratas. Inevitável, portanto, que Elliott se sentisse atraído por um homem que, embora de origem humilde, era bem vindo nos lares mais fechados (MAUGHMAN, 1987, p. 22).

A relação de Elliott com a alta cúpula da Igreja Católica - padres e bispos que consolam a aristocracia, viagens constantes a Roma, amigos influentes no Vaticano - dá início a uma espécie de engajamento político-religioso[3], no qual as benesses da igreja, sejam elas de aconselhamento financeiro ou conforto espiritual, convertem-se em doações monetárias para

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

causas religiosas. Nessa perspectiva, a concepção de religião, vai muito além da profissão da fé. Há, nesse sentido, a necessidade de materializar os resultados obtidos pelo leigo em prol de causas que ele conquistou ou irá conquistar graças a maneira como o espaço do sagrado, ou da palavra obtida no espaço do sagrado, repercute em sua vida. Assim, é graças a Igreja, que Elliott não sofrerá abalo financeiro com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929,

Creio que nunca lhe contei que **passei o mês de setembro de 29 em Roma**. Achei enfadonho, pois Roma está vazia nessa ocasião; mas **para mim foi uma sorte** ter o sentimento do dever prevalecido sobre o meu desejo de divertir-me. **Meus amigos do Vaticano avisaram-me que a crise era inevitável e me aconselharam a vender meus títulos americanos**. A Igreja católica conta com a sabedoria de vinte séculos, não hesitei um momento se quer (MAUGHMAN, 1987, p. 186) [grifo meu]

É essa legitimidade político-religiosa de troca que mantém uma aparência de “bem comum” construída pela Igreja no imaginário popular. É a ideia de que há uma recompensa para aqueles que contribuem na manutenção da fé, de modo que “quanto maior o feito, maior o milagre”. Bourdieu (2007) diz que o princípio do interesse religioso está na necessidade de legitimar um tipo determinado de existência e de posição na escala social. Assim, “as funções sociais desempenhadas pela religião em favor de um grupo ou de uma classe, diferenciam-se necessariamente de acordo com a posição que este grupo ou classe ocupa a) **na estrutura das relações de classe** e b) na divisão do trabalho religioso” (BOURDIEU, 2007, p. 50) [grifo meu]. Como Elliott é um sujeito que interessa, financeiramente, para a Igreja, pois ocupa um lugar confortável na estruturadas relações de classe, tem acesso a espaços e informações que não estão disponíveis a uma camada social inferior. Contudo, é importante lembrar que, ocupar essa posição, de privilégio no âmbito do espaço religioso, é assumir uma dívida com o sagrado,

Para Elliott, essa dívida só será eximida com a construção de uma igreja consagrada a São Martinho. Além disso, Elliott entende a sua “não-falência” como algo além, unicamente, da relação político-religiosa estabelecida entre ele e os membros da igreja. Para a personagem, não perecer o mesmo fim de outros americanos, que também possuíam investimentos nos EUA, é algo também divino.

[...] como devia isso ao que considero **direta intervenção da Providência**, achei mais do que justo, em troca, fazer também alguma coisa para a Providência [...] cheguei a saber que Sua Santidade estava gravemente preocupado com a falta de lugares de oração para os colonos. E [...] **construí uma igreja românica [...] Foi consagrada a São Martinho**. (MAUGHMAN, 1987, p. 186-187) [grifo meu]

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

O compromisso de Elliott com a Igreja, após o que ele considerou uma intervenção divina, irá se estender até sua morte, disputando o lugar de interesse máximo da personagem, entre as relações sociais “Liberto assim de preocupações materiais, dedicou-se à paixão máxima de sua vida - relações sociais” (MAUGHMAN, 1987, p. 15), e o interesse religioso “A igreja que ele construía era agora o interesse máximo da sua vida; podia, assim, satisfazer o seu arraigado gosto de adquirir obras de arte, tendo a agradável certeza de que o fazia para a glória de Deus.” (MAUGHMAN, 1987, p. 210).

Para outros personagens da obra, a igreja ou o espaço do sagrado irá prevalecer motivado por valores morais ou religiosos, não dos personagens, mas do grupo social ao qual pertencem. Não é por serem cristãos, praticantes ou manterem relações com a igreja que dará a retribuição àquele espaço, mas por conta das pressões externas que os envolvem. Maturin, por exemplo, constrói uma nova igreja em Marvin em troca do respeito da população, “- Conte-me mais alguma coisa de Mr. Maturin - pedi. - Não há nada para contar. É rico. Muito respeitado. **Deu a Marvin uma nova igreja**, e um milhão de dólares à Universidade de Chicago. (MAUGHMAN, 1987, p. 39)” [grifo meu]. O mesmo acontece a Bob Nelson, tutor de Larry que, frequenta e obriga Larry a frequentar o espaço religioso, não porque acredita em Deus, uma vez que é ateu, mas porque há uma moralidade a ser construída, baseada na convivência com os demais sujeitos daquele espaço social. Ou seja, o sucesso do Dr. Nelson, dependerá do modo como é visto pela população, e ser um bom cristão, nesse caso, terá influência positiva sobre os resultados esperados,

- Meu tutor, o tio Bob Nelson, era agnóstico, mas ia regularmente à igreja, pois seus clientes esperavam isto dele; pela mesma razão mandava-me no domingo à aula de religião. Martha, a nossa empregada, era uma rígida batista e costumava amedrontar-me, em criança, falando do fogo do inferno a que os pecadores seriam condenados por toda a eternidade. (MAUGHMAN, 1987, p. 357).

Assim como em Bob Nelson, o ateísmo ou a negação de uma crença religiosa, diferente dos pensadores pré-socráticos, também está presente em outros personagens de *O fio da navalha*. Para esta análise, o “homem ateu” estará atrelado a ideia de “homem profano” estabelecida por Mircea Eliade. Para o autor,

o homem profano, queira ou não, **conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos**. Faça o que fizer, **é um herdeiro**. Não pode abolir definitivamente seu passado, porque ele próprio **é produto desse passado**: É constituído por uma série de negações e recusas, mas continua ainda a ser assediado pelas realidades que recusou e negou. (ELIADE, 2010, p. 166) [grifo meu]

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Maugham, o autor-narrador-personagem da obra, é o “homem profano” descrito por Eliade. Embora, ele não siga uma doutrina religiosa, conserva os vestígios dos homens de fé que vieram antes dele, e é a eles que atribui a sua postura de medo e admiração pelo mistério do sagrado.

Fiquei só. De novo **ouvi a voz do bispo e percebi que estava recitando as orações que a Igreja ordena sejam ditas à cabeceira dos agonizantes.** Depois, novo silêncio; compreendi que Elliot estava recebendo o Corpo e o Sangue de Jesus. Devido a não sei que sentimento, **herança talvez dos meus antepassados,** embora não seja católico nunca posso assistir à missa sem experimentar, ao ouvir a campainha que anuncia a Elevação da Hóstia, uma trêmula sensação de temor; e também agora estremeci como se tivesse sentido um calafrio – estremeci de medo e admiração. (MAUGHMAN, 1987, p. 337) [grifo meu]

Maugham entende, assim como define Eliade (1987), que é herdeiro e produto de um passado que necessitou dessacralizar para obter um mundo próprio, de modo que a constituição de sua profanidade se apresenta por oposição a seu predecessor. A convivência de Maugham com o bispo, por exemplo, se deu não em espaços sagrados, os “centros do mundo”, mas em jantares ou almoços, lugares possuidores de uma neutralidade, pois abraçam o sagrado e o profano na mesma proporção. É nesses lugares que Maugham observa, com bastante ironia, as atitudes “humanas”^[4] de um homem de Deus, que aprecia a boa mesa, o bom vinho, e que compartilha histórias engraçadas e até mesmo imorais.

Para Eliade (1987), o “homem profano”, querendo ou não, conserva vestígios de um comportamento atrelado ao “homem religioso”, mas esvaziado de significados religiosos. Assim, embora seja constituído por uma série de negações e recusas, continua a ser assediado pelas realidades que recusa ou nega. Isso acontece com Maugham, que embora ateu, recita a oração da Igreja e teme a elevação da Hóstia. Além disso, em *O fio da navalha*, esse comportamento também se inverte, uma vez que o “homem religioso”, na figura do bispo, comete atitudes consideradas como sendo parte do espaço do profano, mesmo que, nesse caso, motivadas por interesses mercantilistas. Nos dois casos, a religião ou a presença ou não do sagrado exerce uma forte influência na conduta dos indivíduos.

Nesse sentido, para Eliade (1987), a ideia de que exista um homem “exclusivamente racional” é abstrata, uma vez que jamais o encontramos na realidade. Para o autor, “todo ser humano é constituído, ao mesmo tempo, por uma atividade consciente e por experiências irracionais (ELIADE, 2001, p. 170). Na obra, essas experiências são resultado do contato entre sagrado e o profano na vida do “homem profano” ou religioso. Outro exemplo de como isso acontece está na relação estabelecida entre o empregado de Elliott, Joseph, e a esposa.

Empregado dedicado, Joseph estivera com Elliott cuidando de sua casa por várias décadas. Casado com uma mulher religiosa e tendo como patrão um católico fervoroso, Joseph, ateu, se vê o

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

dividido entre a expressão e a ausência do sagrado. Quando Elliott está prestes a morrer, é Joseph que, acatando o pedido da esposa, procura Maugham e solicita a presença do padre para lhe dar a Extrema Unção,

- **Sou, naturalmente, livre-pensador**, e acho que a religião não passa de uma conspiração por parte dos padres para dominarem o povo, mas Monsieur sabe como são as mulheres. Minha esposa e a criada de quarto insistem em que o pobre patrão receba os últimos sacramentos, e não há dúvida de que o tempo é curto [...] Além do mais, **a gente nunca sabe, talvez seja preferível, antes de morrer, regularizar a situação com a Igreja.** (MAUGHMAN, 1987, p. 333)

É nesse momento que, novamente, se percebem os vestígios de um pensamento religioso atrelados ao “homem profano”, ocasionados agora, pela proximidade com a morte. Eliade (1987) diz que, no “homem religioso”, a morte não põe um fim definitivo à vida, mas é uma outra modalidade da existência humana. Isso justificaria a preocupação de Joseph em “regularizar a situação com a Igreja”, se ele fosse um homem religioso, pois é a sacralidade que desvenda as estruturas que o mundo físico não dá conta de resolver, como o mistério da morte, por exemplo. No entanto, por se tratar de um “homem profano”, a preocupação de Joseph evidencia, mais uma vez, como a herança de um passado, que foi dessacralizado, está presente na vida do “homem profano”.

Para Maugham, a atitude de Joseph - e de outros franceses como ele - é descrita como uma espécie de trégua que se estabelece com o sagrado na hora da morte, “Compreendi-o perfeitamente. Por mais que zombem da Igreja, quando chega a hora da morte geralmente os franceses preferem fazer as pazes com a religião” (MAUGHMAN, 1987, p. 333-334).

Por fim, o profano, muito semelhante ao visto em Joseph, também está presente no pensamento de Suzanne Rouvier. Vivendo no interior da França, Suzanne percebe que a vida que leva ao lado da mãe não lhe trará um futuro promissor, uma vez que, sem vantagem de um dote, suas probabilidades de casamento são quase nulas. Assim, deixa-se seduzir por um artista que viera pintar paisagens e parte para Paris ao lado dele. Lá, irá se tornar amante de inúmeros outros artistas, sempre na esperança de encontrar alguém para terminar os dias. Em uma das conversas com Maugham, que conhecera anos antes, na casa de um dos amantes com quem conviveu, Suzanne revela sua preocupação futura com os pecados cometidos durante a sua vida,

- Sabe de uma coisa, sempre tive a firme intenção de, **quando chegar à idade canônica e nenhum homem quiser mais dormir comigo, fazer as pazes com a Igreja e arrepender-me dos meus pecados.** Mas dos pecados que cometi com Larry nada no mundo me fará arrepender. Nunca, nunca, nunca! (MAUGHMAN, 1987, p. 262) [grifo meu]

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Para Suzanne, a vida que leva é considerada profana “aos olhos” da Igreja e, portanto, entende ser necessário redimir-se dos pecados que acredita ter cometido. Embora, não seja religiosa, é no sagrado, ou no discurso moral que acompanha a religião, que Suzanne busca o conforto espiritual. O que Maugham, Joseph e Suzanne tem em comum é a percepção de que mesmo no comportamento do homem profano, há inconscientemente, a herança quase imemorial do sagrado. Ao levar a extrema unção para Elliott, por exemplo, o bispo percebe em Joseph resquícios desse passado, pois do mesmo modo que o reconhece como sendo um “livre-pensador”, e, portanto, não-temente a Deus, percebe a inquietação de Joseph com a sua presença naquele lugar.

Descemos as escadas. Joseph e as criadas esperavam no *hall*. As mulheres choravam. Eram três; adiantaram-se, cada uma por sua vez, e, **caindo de joelhos, beijaram o anel do bispo**. Ele as abençoou com dois dedos. A mulher de Joseph deu no marido uma cotovelada e também ele deu um passo à frente, ajoelhou-se e beijou o anel. O bispo sorriu levemente.

- **Você é livre-pensador**, meu filho?

[...] - Sim, Monsenhor.

- Não se perturbe por isso. **Você foi um bom e fiel servo. Deus revelará os erros do seu modo de pensar.** (MAUGHMAN, 1987, p. 338)

Desse modo, o bispo aproveita-se para tentar persuadi-lo através do entendimento de que o sagrado, na figura de Deus, fará com que a culpa transforme a sua maneira de pensar o “mundo profano” ou destituído de religião. Ou seja, o discurso que o bispo usa com Joseph aponta que o livre-pensamento é um erro que será revelado por Deus para a remissão dos pecados terrenos. Assim, a recompensa e o espaço divino, ou a salvação eterna, se torna uma certeza. No entanto, para Eliade (1987), a salvação é um problema que diz respeito ao homem e seu Deus. Na melhor das hipóteses, este homem se sente responsável, não apenas diante de Deus, mas também da história. Pode-se incluir isso, a concepção de Bourdieu (2007) sobre a ideia da salvação pessoal, da existência do mal, da angústia da morte e do sentido do sofrimento que

produzidas e manipuladas através de diferentes métodos e com graus diversos de êxito, por confessores e predicadores [...] têm como condição social a possibilidade de um desenvolvimento do interesse pelos problemas de consciência e **um aumento da sensibilidade pelas misérias da condição humana.** (BOURDIEU, 2007, p. 49) [grifo meu]

Bourdieu entende que o interesse religioso tem por princípio a legitimação do espaço e a posição de determinados indivíduos na estrutura social. Subverter a ordem social, neste caso, equivale a máxima de que sujeitos ricos não entrarão no reino dos céus. No entanto, a ideia do

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Paraíso, representado como o lugar de uma felicidade individual, opõe-se aquela “esperança milenarista de uma subversão da ordem social presente na fé popular” (BOURDIE, 2007, p. 49). Assim, para Elliott, pertencer a uma determinada casta social, relacionar-se com a alta sociedade europeia, frequentar os melhores lugares e receber a extrema unção do bispo - representante dos apóstolos de Cristo na terra -, são garantias de um lugar privilegiado no “céu” cristão. Para ele, o céu é o reflexo ou uma continuidade dada aos homens na terra, e não o gozo do paraíso para aqueles que sofreram ou cumpriram penitências terrenas.

Uma grande honra, caro amigo, **uma grande honra** - disse ele - **Entrarei no reino dos céus com uma carta de apresentação de um príncipe da Igreja.** Creio que todas as portas se me abrirão [...] Diz a Sagrada Escritura que, assim como na terra, existem distinções de classe no céu. Há serafins e querubins, anjos e arcanjos. **Sempre frequentei a melhor sociedade da Europa e tenho certeza que o mesmo se dará no céu.** (MAUGHMAN, 1987, p. 339) [grifo meu]

Outro aspecto que relaciona a ideia de Elliott de continuidade está no seu testamento. Nele, Elliott reserva dois montantes que deverão ser destinados à igreja. O primeiro diz respeito à encomenda das missas pela sua alma, o segundo à conservação da igreja por ele construída. Desse modo, mais uma vez é possível confirmar a tese de que para Elliott, o mundo objetivo, terreno, confunde-se com o mundo espiritual, numa espécie de contiguidade dos espaços frequentados, além dos atos religiosos realizados.

[...] Isabel contou-me os termos do testamento. Elliott determinara que **reservasse certa quantia para que fossem ditas missas em prol de sua alma, na igrejazinha por ele construída, e outra soma para a conservação da referida igreja.** Deixara ao bispo de Nice um belíssimo legado, para ser aplicado em obras de caridade. (MAUGHMAN, 1987, p. 348)

Assim, construir um espaço sagrado - a igreja de Elliott, consagrada a São Martinho - é estabelecer-se no “centro do mundo”, local onde, por meio de uma *hierofania*, opera-se, conforme, Eliade (1987), ao mesmo tempo uma “abertura” em cima (o mundo divino), ou embaixo, (regiões inferiores, o mundo dos mortos). Outrossim, é importante lembrar que a *hierofania*, também representa, para além do corpo e do objeto que dá acesso ao espaço sagrado (neste caso uma escada que eleva, mas também desce), os objetos demais objetos sagrados fora do espaço. Quando se pensa dessa forma, percebe-se um certo mal estar do homem moderno diante de tantas representações da manifestação do sagrado. De acordo com Eliade (1987), para alguns indivíduos é difícil aceitar que, em determinados seres humanos o sagrado está manifestado em pedras ou árvores, por exemplo. Na obra, *O fio da navalha*, a esposa de Joseph considera o anel do bispo, uma manifestação do sagrado, ou seja a representação de uma *hierofania*, de modo que as

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

atitudes tomadas por ela, ao beijar o anel, não correspondem ao objeto em si, mas ao que ele representa. Ao aprofundar a definição de *hierofania*, Eliade discorre que

[...] não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvores, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado (ELIADE, 2010, p. 17-18)

Ao revelar o sagrado a *hierofania* carregará consigo também os ritos do espaço cultural ou mesmo territorial a que pertence. No anel do bispo está representada a aliança sagrada com a Igreja, beijá-lo é expressar um gesto de veneração, respeito e submissão ao poder clerical. Assim, para o “homem profano” tanto o gesto (ritual), quanto o objeto, nada representam. Isso é possível de ser observado na figura de Joseph, que para contentar a esposa reproduz em seu “corpo profano” um ato sagrado.

- Imagine, Monsenhor vir em pessoa. Grande honra conferida ao nosso pobre patrão. O senhor me viu beijar o anel?
- Vi.
- Por mim não o teria beijado: fiz isso para contentar minha esposa. (MAUGHMAN, 1987, p. 339-340)

Para Joseph, o sagrado só existe para a sua mulher. É ela quem atua como a herança dos antepassados em sua vida.

Considerações finais

A literatura mimetiza, por meio da linguagem o espaço dos indivíduos. *O fio da navalha* possibilita uma leitura ainda mais profunda, em relação à temática religiosa. O conceito de sagrado e profano elucidados na obra Maughman percorrem diversas instâncias. Através deste trabalho, por exemplo, foi possível perceber que, não só os personagens criados no universo ficcional do autor parte do que Eliade caracteriza como cósmos na materialização de uma *hierofania*, mas também o próprio autor e os leitores, a quem o sagrado é parte viva ou mera herança.

A alternância sagrado-profano que se estabelece na narrativa de *O fio da navalha* faz com que o leitor perceba como essa temática está presente no cotidiano dos homens, seja na individualidade ou coletividade, seja no tempo passado, presente ou que ainda virá, seja no espaço

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

clerical (centro do mundo), social ou pessoal. Há sempre um traço do sagrado tentando explicar aquilo que a subjetividade não permite e, do mesmo modo, há sempre uma hesitação do profano, naquilo que não se pode explicar.

Referencial bibliográfico

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Edição Revisada e ampliada. São Paulo : Duas cidades, 1995.

ELIADE, Mircea. *Sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MAUGHAM, Somerset. *O fio da navalha*. Rio de Janeiro : Circulo do Livro, 1987.

[2] Conforme Candido, não se pode afirmar que a literatura só alcança a verdadeira função quando é deste tipo, engajada. Fosse assim, continuaríamos utilizando o conceito de *boa literatura*, cunhado pela Igreja Católica ao se referir a textos que considerava bons, ou seja aqueles que mostravam “a verdade da sua doutrina, premiando a virtude, castigando o pecado” (CANDIDO, 1995, p. 250).

[3]O sentido empregado, diz respeito a maneira como agentes religiosos estabelecem relações políticas com instituições ou indivíduos, a fim de desenvolver, difundir e constituir novos espaços eclesiais.

[4] O termo *humano*, nesse caso, relacionado ao bispo, pode ser entendido como uma postura diferente da esperada por um líder da igreja, que não deve ter amor ao luxo, a bebida e ao dinheiro, coisas consideradas mundanas.